

UM DEPÓSITO VOTIVO DA II IDADE DO FERRO, NO SUL DE PORTUGAL, E AS SUAS RELAÇÕES COM AS CULTURAS DA MESETA

1. LOCALIZAÇÃO (Figs. 1 e 2)

O depósito votivo, objecto desta notícia, situa-se na vertente este do denominado Cerro do Castelo de Garvão, próximo de Ourique, no Baixo Alentejo. Esta elevação, com 124,55 m. de cota máxima e o cimo aplanado ou amesetado, é constituída por um substrato de xisto do Carbónico, onde assenta espesso depósito de terras, e encontra-se rodeada, na base, por duas ribeiras (Ribeira de Garvão e Ribeira de S. Martinho) que fazem parte da rede hidrográfica do Alto Sado.

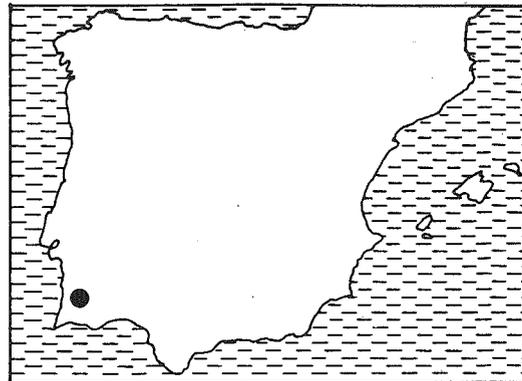


FIG. 1. *Localização de Garvão (Ourique), na Península Ibérica*

2. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Anteriormente a esta descoberta, o local tinha sido arqueologicamente referenciado por um de nós (C. M. B.) que ali encontrou, em prospecção de superfície, fragmentos de cerâmicas romanas e um asse, da oficina de Celsa, dos finais do século I a.C. (Dias e Coelho, 1974-77, p. 270). Posteriormente, em 1981, uma nova prospecção (C. M. B., M. V. G. e R. V. G.), no Cerro do Castelo, ofereceu cerâmicas da Idade do Ferro, com bandas pintadas e de verniz vermelho, restos de construções da mesma época, assim como posteriores.

No Verão daquele mesmo ano, sondagens dirigidas por J. O. Caeiro e C. M. Beirão puseram a descoberto restos de uma estrutura defensiva e exumaram materiais, não estratificados, que incluíam cerâmicas do Bronze Final até às Épocas Muçulmana e Moderna.

Duas colunas, de mármore, de um possível templo romano, recolhidas na vertente este deste cerro, recordam-nos, ainda, a presença de uma estrutura religiosa naquela zona.

Valas para saneamento básico, efectuadas no mês de Maio de 1982, revelaram uma enormíssima quantidade de cerâmicas e de outros objectos, assinalados pelo Núcleo de Defesa do

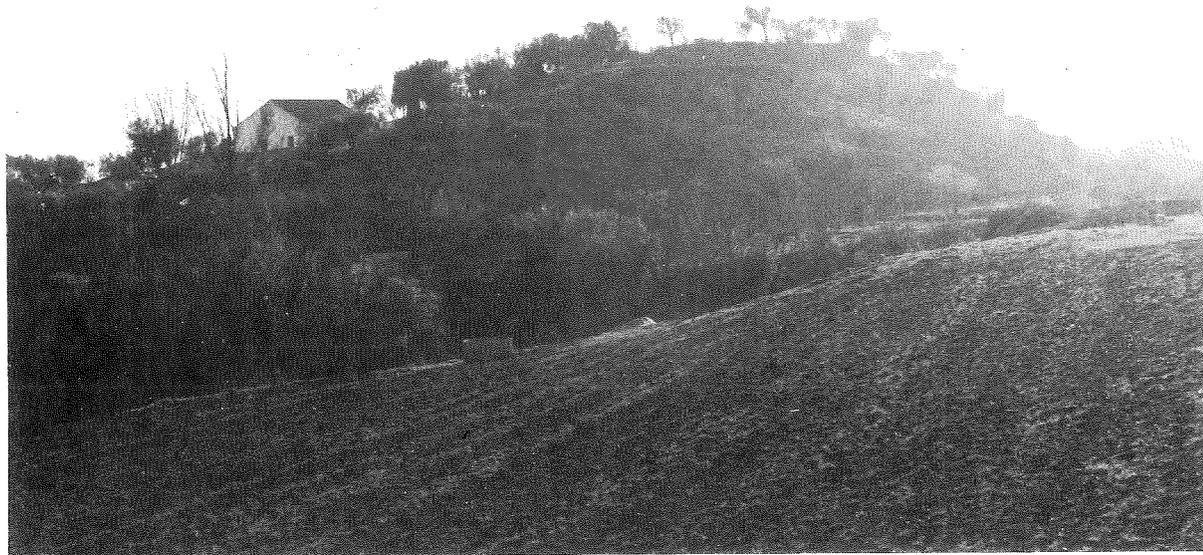


FIG. 2. *O Cerro do Castelo de Garvão, visto de norte (R.IV/84-5)*

Património do Grupo Desportivo de Garvão, exigindo a imediata intervenção do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul.

Os primeiros trabalhos de escavação, dirigidos pelos signatários, decorreram de Junho a Dezembro daquele ano, tendo sido subsidiados pelo Instituto Português do Património Cultural e pela Câmara Municipal de Ourique.

A Fundação Calouste Gulbenkian contribuiu para o restauro de um núcleo das centenas de peças já recuperadas, tendo-se publicado, recentemente, os resultados preliminares dessa campanha de escavações (Beirão, Silva, Soares, Gomes e Gomes, 1985).

3. DEPÓSITO VOTIVO

Este depósito votivo foi constituído numa fossa artificial, de forma ovalada, aberta num estreito patamar da encosta nascente do cerro.

A fossa mede cerca de 10 m. de comprimento e 5 m. de largura máxima; o seu limite na zona da encosta é abrupto, talhado no substrato rochoso, sendo, também, delimitada por um murete construído com pequenos blocos e lages de xisto consolidados com terra amassada. No lado oposto, a fossa foi escavada num solo argiloso que contém materiais cerâmicos da Idade do Bronze Final.

Devido aos escorregamentos e pressões das terras da vertente, alguns materiais depositados ultrapassaram os limites da fossa, na direcção do pendor da encosta do cerro.

A base da fossa encontrava-se revestida por pequenas lages de xisto sobre as quais, no lado norte, assentava uma pequena caixa, formada por frustes lages de pedra, contendo um crânio humano, com indícios de trepanação (C3d). É possível que se trate de testemunhos de um ritual de fundação e de sacralização do depósito, anterior à colocação dos objectos votivos que haveriam de ocupar todo aquele espaço.

A camada de deposições mais profunda do depósito ofereceu abundantes ossos de animais (*Bos* e *Sus*), assim como muitos fragmentos de vasos de cerâmica, ao que parece intencionalmente quebrados e pisados. Sobre este estrato surgiam grandes vasos de boca larga, ou contentores, repletos e cobertos por outros recipientes de menores dimensões. Os espaços exteriores entre estes grandes vasos foram igualmente preenchidos por recipientes menores, como taças e pratos, tanto de fabrico manual como montados ao torno, colocados, muitas das vezes de cutelo, de modo a aproveitar a totalidade dos intervalos. Na periferia, encontrámos recipientes isolados ou em pequenas pilhas, também sem qualquer conteúdo ou, raras vezes, guardando pequenos objectos de cerâmica, de ouro, prata, vidro, cornalina ou de bronze.

Sobre esta deposição existia uma outra, contendo recipientes de dimensões médias e pequenas, depois coberta por um grande número de peças fragmentadas, misturadas com enormes seixos de quartzo e terra.

Este sistema selava, propositadamente, o depósito, que media, na sua espessura máxima, pouco mais de 1 metro, e protegia aqueles materiais de um uso profano.

4. INTERPRETAÇÃO

Os dados arqueológicos, actualmente, disponíveis indicam-nos que o imenso aglomerado de materiais da II Idade do Ferro, e a fossa que os integrava, é um depósito secundário de oferendas, uma *favissa* ou *bothros*, formado numa única fase, nos finais do século III a.C., e, certamente, inserido numa mais complexa estrutura com finalidade religiosa que terá existido no cimo do Cerro do Castelo de Garvão.

Assim, os recipientes que outrora continham cereais, fruta, azeite, vinho, mel, ou outros líquidos destinados às libações, guardavam, agora, vasos de menores dimensões, como taças, tigelas, pratos e queimadores, e estes, por sua vez, continham outros ainda mais pequenos, como copos, contas, placas votivas de ouro e prata, fusaíolas e fíbulas, mostrando um aproveitamento total e racional do espaço do depósito.

As centenas ou milhares de peças de cerâmica parecem ter feito parte de ex-votos ou de oferendas, e conteriam, sobretudo, produtos alimentares oferecidos à divindade, ou divindades ali cultuadas, ou teriam sido utilizadas em libações. Muitas daquelas peças terão servido como queimadores de essências ou como lucernas, hipótese que devemos valorizar a par do aparecimento de placas oculadas, de ouro e de prata, conotadas com o culto de uma divindade com poderes profilácticos, na cura dos olhos, e relacionada com a luz física e espiritual (Fig. 3). Assim, as pequenas taças ou tigelas, com o bordo reentrante, podem substituir as lucernas como acontecia no «mundo ibérico» e nos santuários de Gaggera em Sélinonte (Palermo) (Picard, 1976, p. 169). Do mesmo modo uma grande quantidade de queimadores ou de *thymiateria* poderão estar, igualmente, relacionados com aqueles atributos divinos.

A necessidade de retirar, ciclicamente, grandes quantidades de oferendas e ex-votos dos santuários, de modo a recuperar as suas áreas funcionais, foi já assinalada na Península Ibérica,

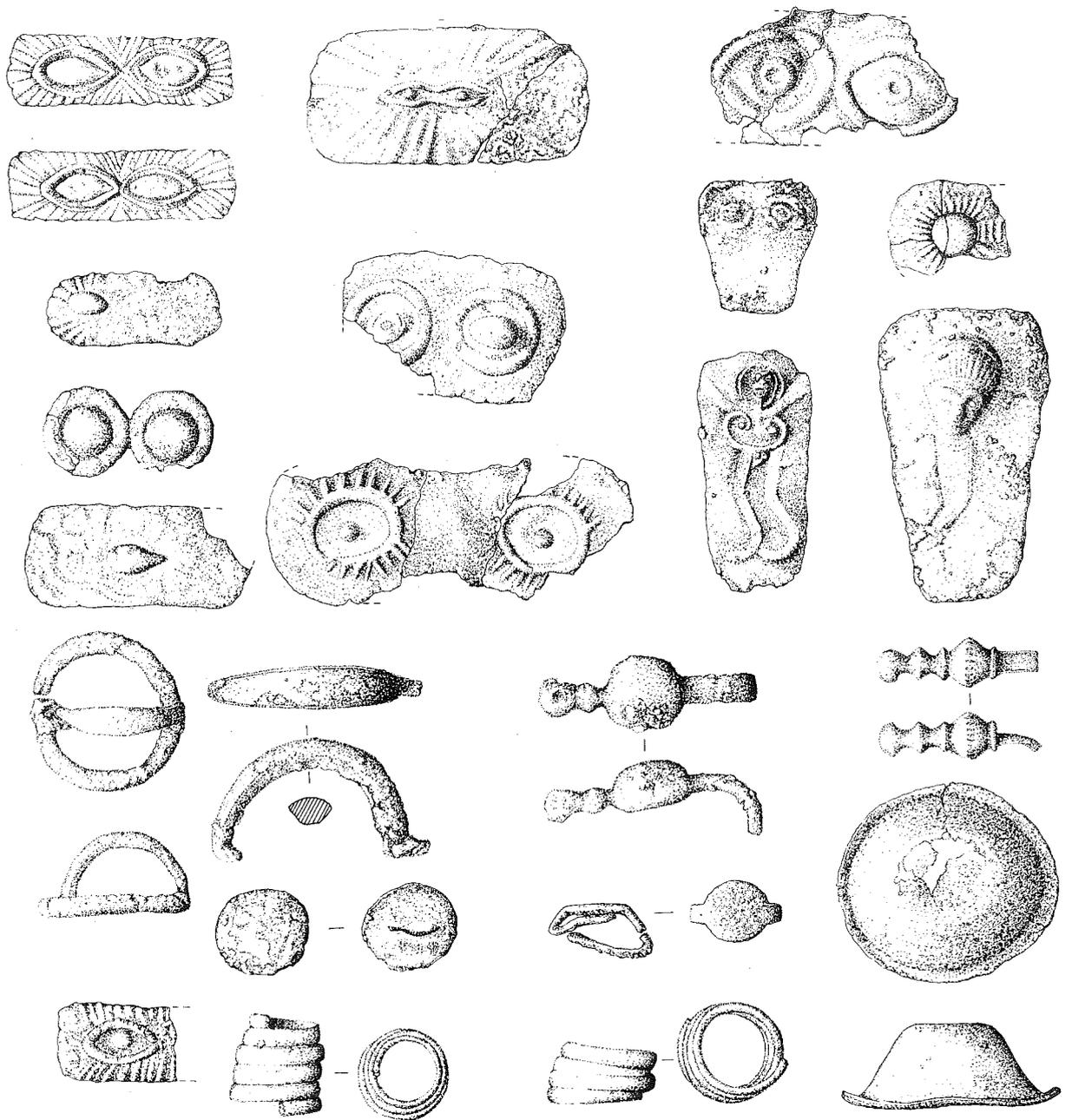


FIG. 3. *Placas oculadas e com figuras antropomórficas, moeda de Gades, anéis, fibulas e cîmbalo*

tanto em Despeñaperros como em Castellar de Santisteban, na Serra Morena, onde até belas peças de bronze eram lançadas nas falésias que rodeiam estes lugares sagrados (Nicolini, 1969, pp. 40-44).

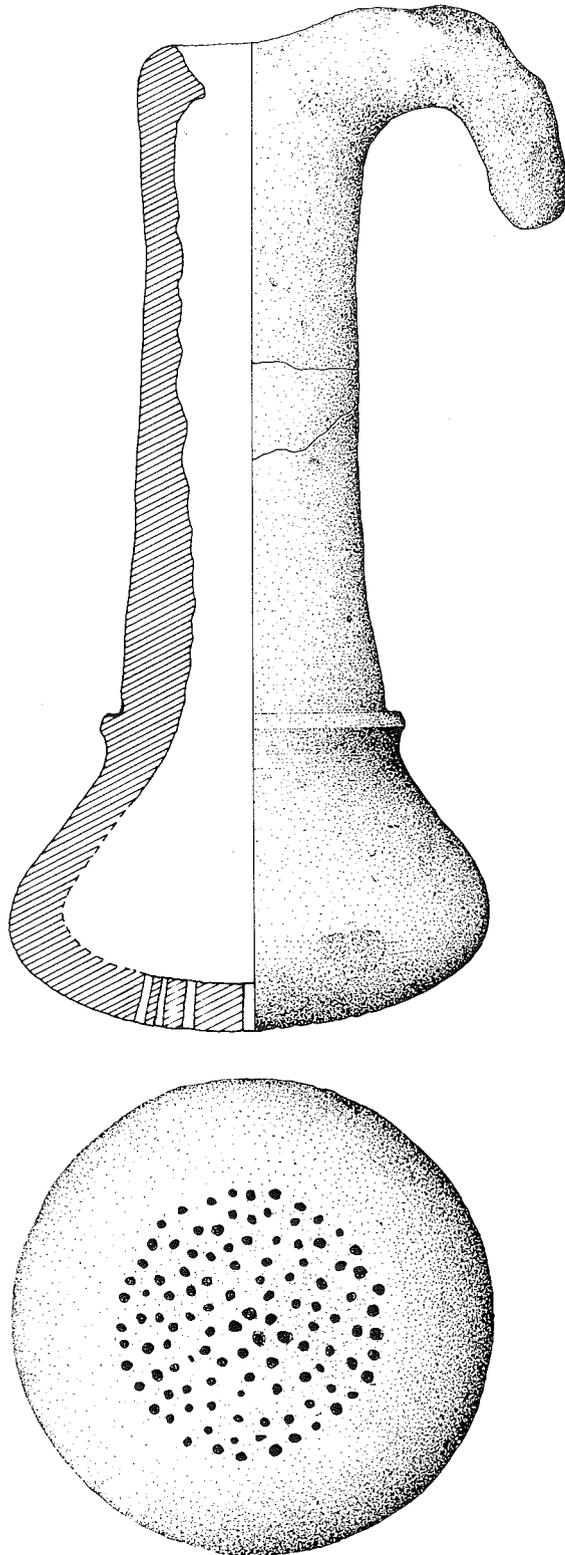


FIG. 4. *Aspergillus*

Não podemos determinar, com exactidão, a época nem, tão pouco, as diferentes motivações, de ordem psicológica e religiosa, que conduziram à prática universal de oferecer objectos às divindades; vasta problemática inequivocamente conotada com os diferentes conceitos de sobrevivência através da intervenção divina. É no Próximo Oriente, na área sírio-palestina, que encontraremos, nos finais do terceiro milénio, os protótipos para os depósitos secundários dos grandes santuários mediterrânicos do primeiro milénio antes de Cristo (Biblos, Ugarit, Minet-el-Beida, Hazor, Kition em Chipre, Knossos e Olous na Grécia, Cartago) e da Península Ibérica (Ibiza, Villaricos e Garvão).

Em termos genéricos, os materiais do depósito de Garvão podem subdividir-se em dois grandes grupos: um constituído por artefactos de uso quotidiano, como as cerâmicas fabricadas ao torno, de produção local ou regional, e outro, mais restrito, formado por objectos propositadamente concebidos e fabricados para serem utilizados, como ex-votos ou oferendas, nas cerimónias religiosas. Neste último conjunto, os ex-votos anatômicos mostram finalidade exclusivamente conotada com os atributos profilácticos do santuário e da sua divindade (ou divindades).

Um *aspergillus* (Fig. 4) é testemunho de práticas religiosas relacionadas com a benção, a purificação, o renascer, a cura física e psíquica, através da água, assim como um pequeno címbalo, de prata, terá sido utilizado na música sacra; como os de Knossos empregues nos rituais nocturnos dos cultos místéricos dedicados a Demeter (Coldstream, 1973, pp. 143-144, 185, fig. 33).

Uma rara estatueta feminina (Fig. 5), encontra paralelos, formais e técnicos, no Mediterrâneo, sobretudo na área de influência, cultural e comercial, púnica. Oferece os olhos, os seios e um colar, representados por pequenas pastilhas e o nariz, largo na base, na continuação da testa. Um par de figuras humanas, com as mesmas características, está adossado ao bordo de um grande contentor de cerâmica, olhando para o seu interior, lembrando protótipos etruscos fabricados em bronze (Pallottino, 1980, p. 283, fig. 390).

Uma urna de orelhetas perfuradas (Fig. 6), pintada e estampilhada, com a tampa terminando numa cabeça antropomórfica, mostra claros elementos barroquizantes que a integram na «fantasia ibérica», para utilizar um termo de Pellicer (1969, p. 310).

A dispersão peninsular destes vasos apresenta tendência litoral e mediterrânica, quiçá revelando-nos a sua origem exógena. Pensamos ser pertinente mantermos o seu paralelismo com a urna de orelhetas da necrópole de Los Patos, em Cástulo, datada entre os finais do século V a.C. a meados do século IV e que, tal como Garvão, ofereceu cerâmicas de verniz vermelho, cerâmicas «ibéricas» pintadas, um pequeno *oinochoe* de vidro policromo e um elevado número de cerâmicas estampilhadas; algumas delas associando, igualmente, a estampilhagem e a pintura.

A forte componente cultural mediterrânica presente em Garvão é, ainda, assinalada por uma grande quantidade de recipientes montados ao torno rápido, fabricados com pastas bem depuradas, com as superfícies bem alisadas, algumas com pinturas de bandas ou pautas, horizontais e paralelas, e outros, mais raros, com tratamento de verniz vermelho.

Certas cerâmicas decoradas com motivos curvilíneos admitem paralelos com exemplares da Andaluzia Ocidental e, mais raramente, nos grupos de cerâmicas da área levantina, catalã e do Sul de França, mostrando sempre tipologias próprias dos séculos IV e III a.C. (Fig. 7).

Uma taça exhibe (Fig. 8), no exterior da parede e junto ao fundo, um grafito, aberto com a peça já cozida, que parece representar, muito toscamente, um fragmento decorativo em grega, relacionável com os motivos incisos em dois *morillos*, do povoado de los Molinicos em Moratalla (Murcia) (século V a.C.), recentemente publicados por Maluquer de Motes (1983, pp. 173, 175)

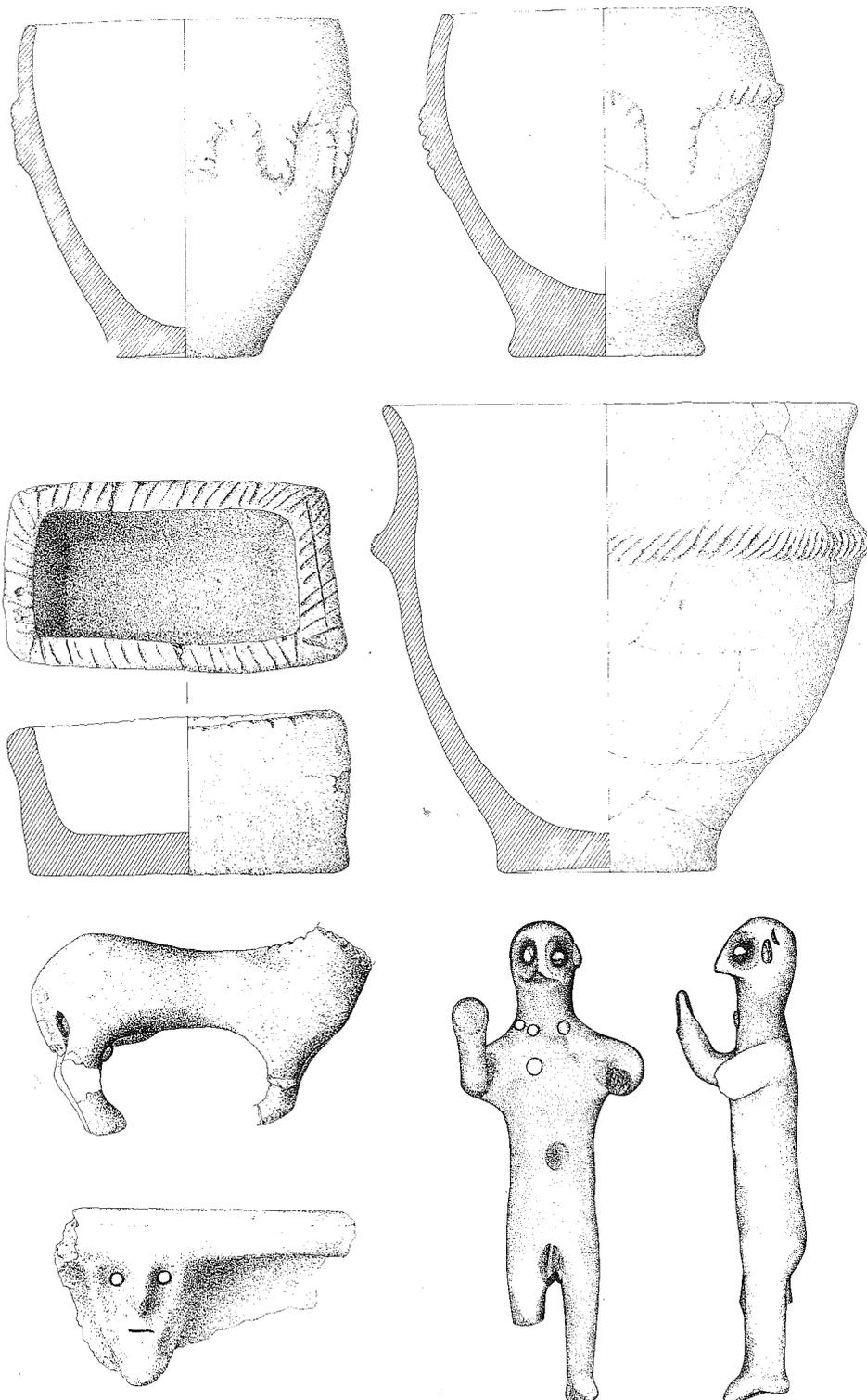


FIG. 5. Cerâmica tosca, montada sem torno rápido, caixa e elementos coroplásticos

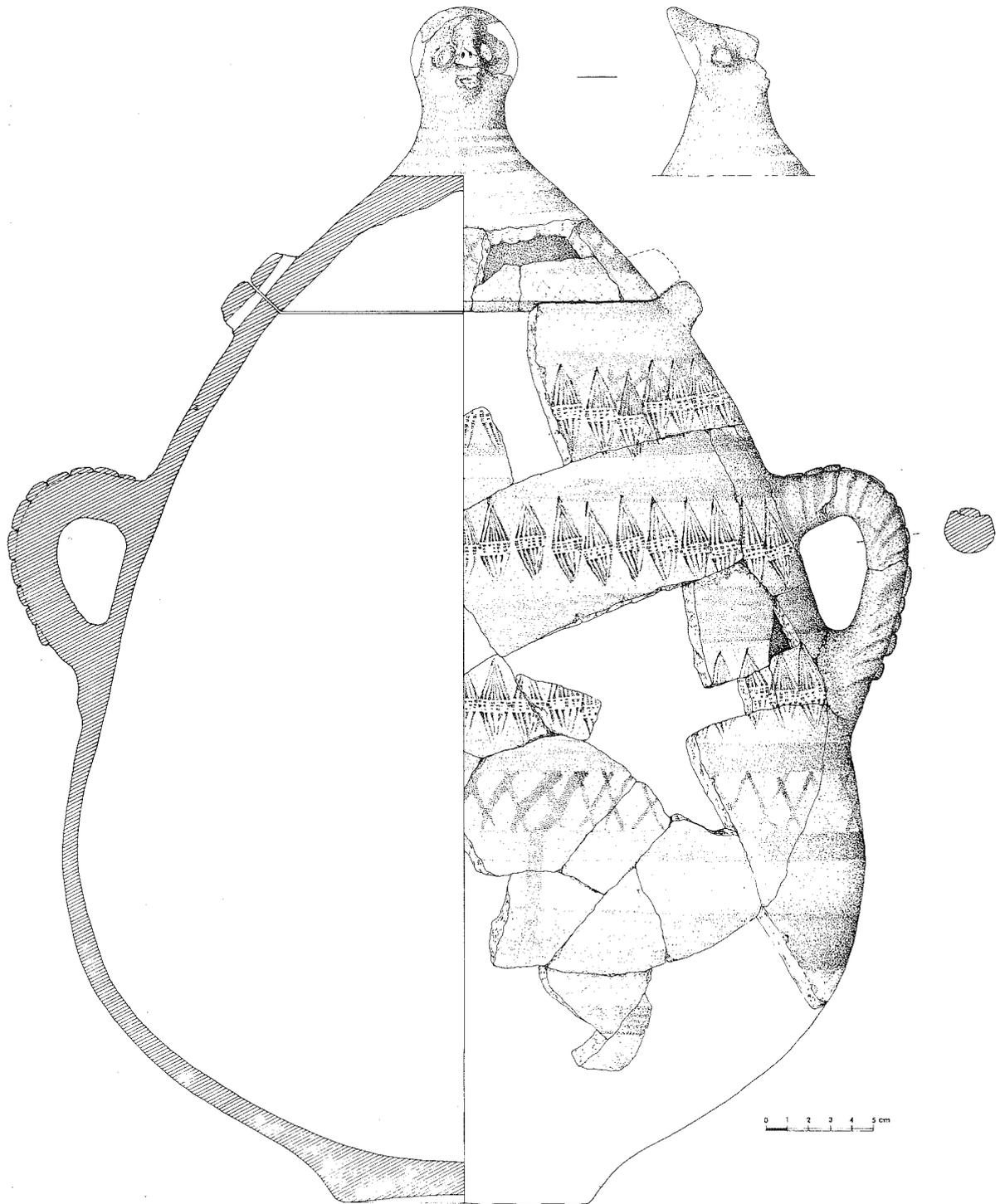


FIG. 6. *Urna de orelhetas perfuradas*

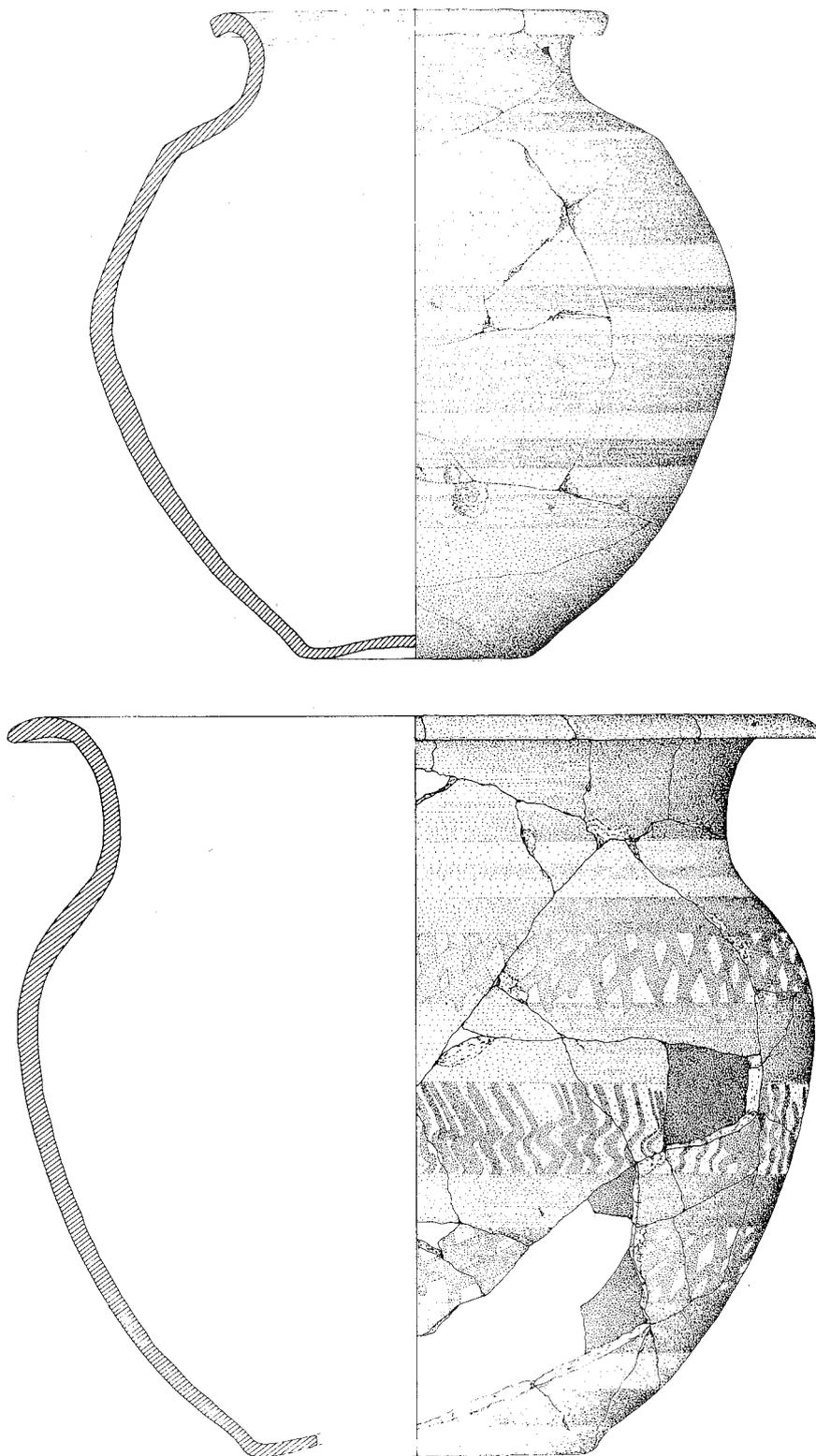


FIG. 7. Recipientes, montados ao torno rápido, com decoração pintada

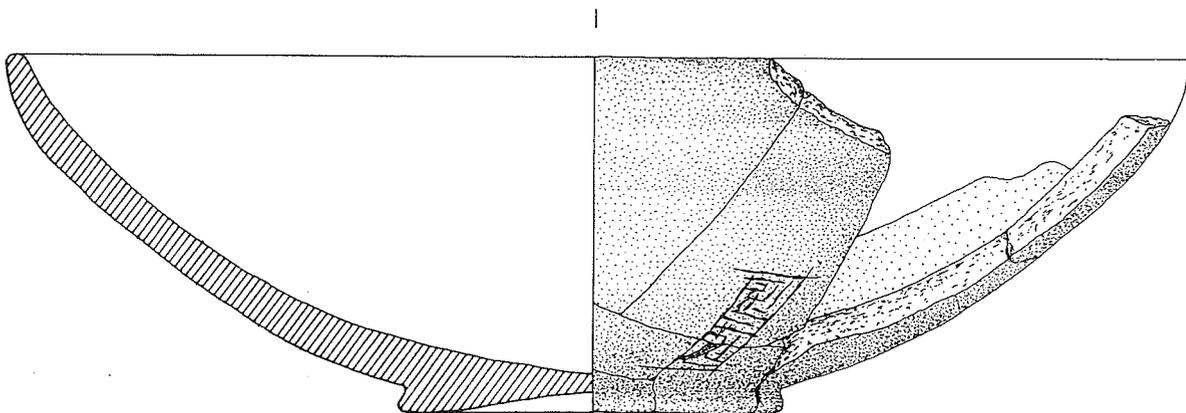
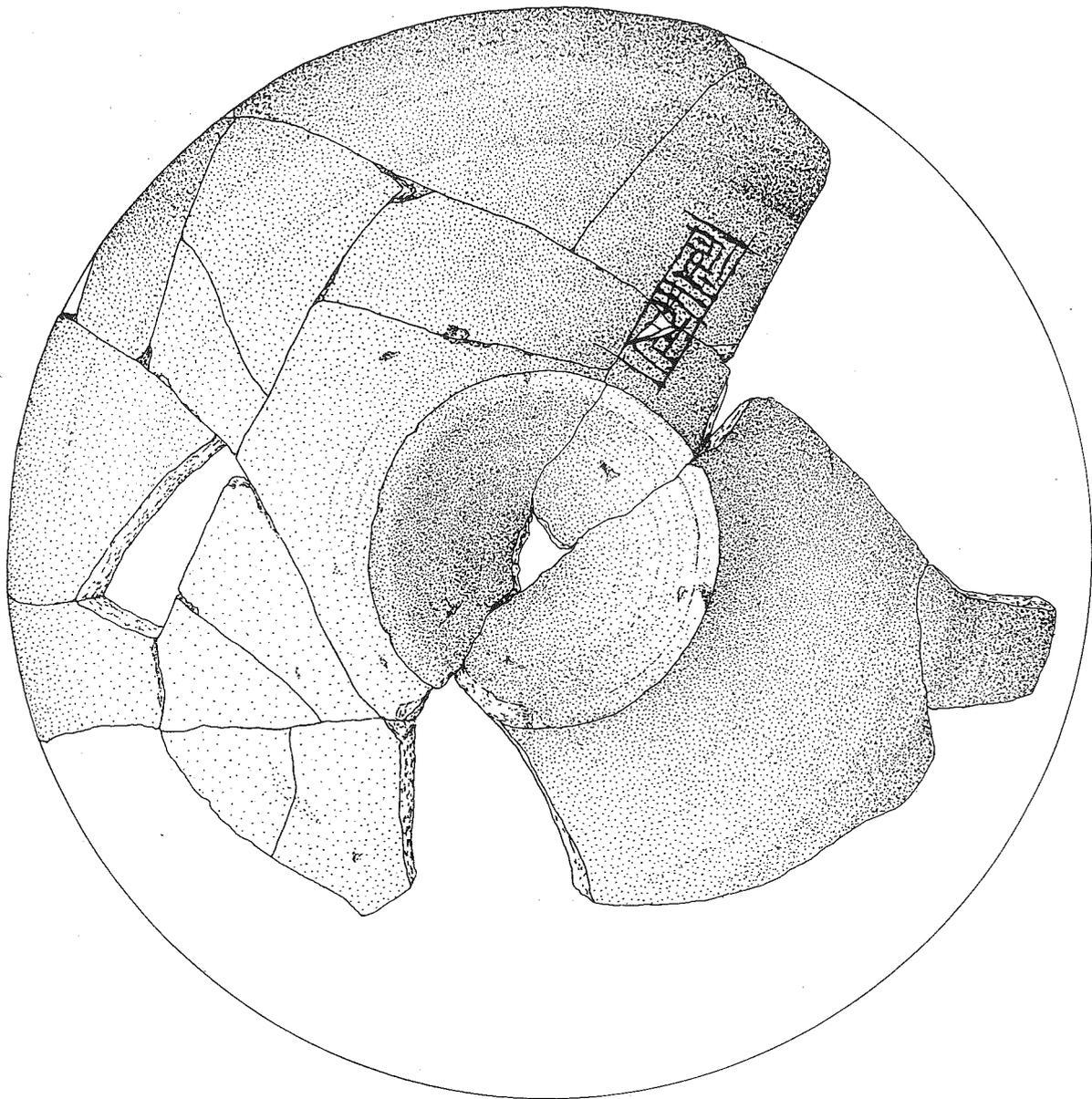


FIG. 8. Taça com grafito

e que, justamente, recordam as decorações incisas das cerâmicas dos campos de urnas da Catalunha; problemática que voltaremos a abordar.

Identificámos, numa das placas de prata recolhidas (Fig. 3), uma representação antropomórfica esquemática, com os braços erguidos e palmeta sobre o peito, e que tem, a nosso ver, paralelos na coroplastia proveniente dos santuários púnicos, em figurações atribuídas a Tanit, dos séculos IV e III a.C., nomeadamente de Sainte-Monique (Cartago) e de Puig des Molins (Ibiza) (Picard, 1976, ests. XII e XIII; Aubet, 1976, p. 67, est. IV; Almagro Gorbea, 1980, pp. 70, 177, fig. 46).

Uma outra placa de prata (Fig. 3), igualmente um ex-voto, mostra uma cabeça feminina, com nariz largo, um toucado sobre a fronte e um colar sobre o peito de onde pende, possivelmente, uma meia-lua. Esta peça lembra, ainda, exemplares coroplásticos de Ibiza (Puig des Molins) tidos como representações de Tanit. Aliás, no tesouro de Salvacañete (Cuenca) onde encontramos uma placa de prata oculada e duas outras com representações antropomórficas (Raddatz, 1969, pp. 103, 104, 247, ests. 50:5, 6 e 53:30), uma destas está associada a uma ave (pomba) e a uma abelha e é, certamente, uma imagem da deusa-mãe, reunindo atributos particulares tanto a Astarte-Tanit como a Artemis.

Duas placas oculadas de ouro e onze de prata (Fig. 3), assim como pequenas reproduções de maxilares humanos, de pasta vítrea ou de cerâmica, são ex-votos com claro significado anatómico, denunciando-nos o carácter profiláctico deste santuário. As placas de prata, oculadas, têm paralelos no tesouro, já referido, de Salvacañete (Cuenca), no tesouro de Drieves (Guadalajara), assim como nos depósitos votivos de Alhonz (Sevilha) (Palomo, 1982), interpretado como um simples armazém de cerâmica, e de Collado de los Jardines (Jaén). Estas peças podem sustentar uma cronologia em torno aos séculos IV e III a.C., tendo, tanto a sua forma como a função, sobrevivido até hoje, conforme observamos em muitas capelas e, nomeadamente, no santuário de Santa Luzia, bem próximo de Garvão.

É, ainda, nos tesouros referidos (Salvacañete e Drieves) que descobriremos outros paralelos para os objectos de prata e de ouro recolhidos neste depósito votivo, como as fíbulas anulares, pequenos lingotes de prata, anéis, braceletes, címbalos e moedas.

Uma hemidracma gaditana, de prata, parece ser o objecto com datação mais baixa do depósito e será contemporânea do desembarque bárcida, de 238 ou de 237 a.C., podendo ter circulado até cerca de 206 a.C., data em que os romanos conquistam Gades e põem fim à Segunda Guerra Púnica. Mostra, no anverso, Hércules, toucado com a pele de leão, e, no reverso, um atum e a legenda Gadir.

Fragmentos de fíbulas, de bronze, de *oinochoai*, e de *alabastra* de vidro polícromo, do período II de Fossing, ajudam-nos a datar a constituição e os restantes materiais deste depósito, entre a segunda metade do século IV a.C. e o último quartel do século III a.C.

Um grupo de cerâmicas montadas sem torno rápido, decoradas por incisão, excisão ou estampilhagem, conhecidas em Portugal a partir dos finais do século V, oferecem fortes relações com o mundo da Idade do Ferro meseteno. Estas, em Garvão, constituem apenas 20 % do total das cerâmicas recolhidas. São fabricadas com pastas compactas, mal depuradas, ricas em elementos não plásticos, apresentam as superfícies de cor cinzenta, castanha de chocolate ou negra, por vezes mal alisadas, e foram cozidas em ambientes redutores. A forma mais comum é a do copo ovóide ou troncocónico, por vezes carenado, com pé algo destacado e fundo plano ou côncavo. Conhecem-se, também, as taças em calote, com pé destacado, por vezes trípode, e os vasos troncocónicos de paredes rectas e fundo plano; os vasos ovóides, em alguns casos com carena alta; os vasos globulares com bordo saliente e pé alto; as urnas globulares com bordo ex-

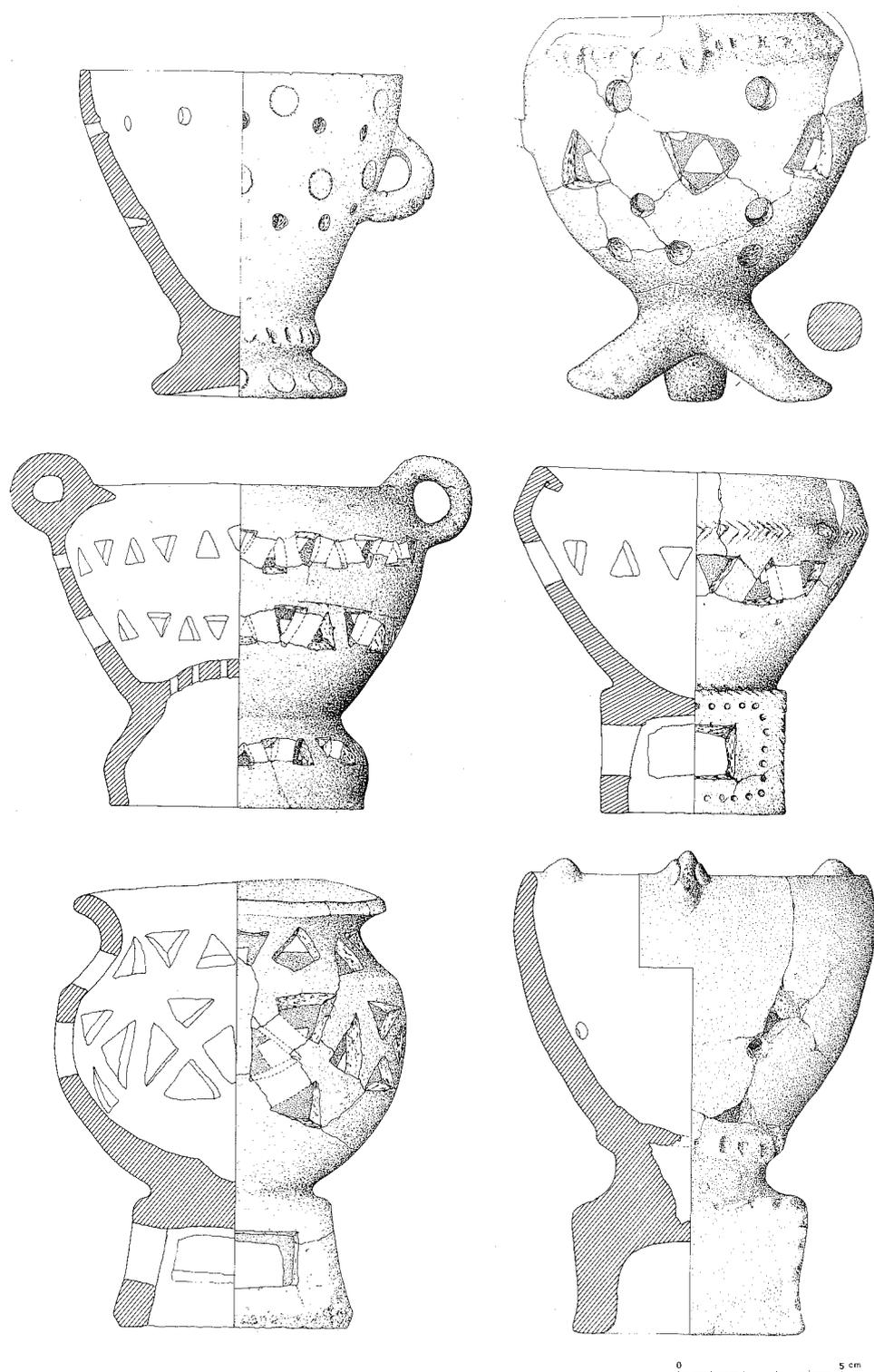


FIG. 9. *Queimadores, montados sem torno rápido, decorados por incisão e excisão*

trovertido e pé troncocónico e os queimadores, ou «vasos de janelas», assim como as tampas de alguns destes recipientes.

Nesta rara coleção de queimadores identificamos exemplares com asas verticais, unindo o bordo ao corpo, e janelas triangulares ou circulares, dispostas na horizontal, a meia altura ou ocupando toda a parede do recipiente. Alguns oferecem associações de janelas triangulares e circulares. Existem formas com pé trípode, de pé alto, paralelepipedico, cúbico ou piramidal, ôco ou maciço, assumindo o carácter de suporte (Fig. 9).

A decoração destes vasos toscos, fabricados sem roda, pode ser impressa, com fiadas horizontais de marcas, em bastonete, ovaladas ou circulares, pode ser incisa, com motivos formando espinhas, zigzagues ou séries de traços, curvilíneos ou ondulados, e plástica, oferecendo cordões horizontais, verticais, curvos, segmentados por traços incisos ou impressos, mamilos e asas cegas (Fig. 5). Estes motivos ocorrem isolados ou integrados em composições complexas e decoram, também, algumas fusaíolas.

Este tipo de cerâmica encontra paralelos, no Sul de Portugal, em estações como Miróbriga, Pedra da Atalaia e Rocha Branca, ocupadas, a partir dos finais do século V a.C., por populações marcadas por fortes influências de origem continental (Silva, 1978; Soares e Silva, 1979; Gomes, Gomes e Beirão, 1986). Mostram, também, grandes afinidades com a chamada «cerâmica tosca de carácter popular» da necrópole de Las Cogotas (Ávila) (Cabré, 1933) e com as formas I e II da cerâmica montada sem torno, da necrópole de La Osera, datada, na sua zona VI, nos séculos IV e III a.C. (Cabré, Cabré e Molinero, 1950, p. 66).

Os vasos trípodes de Garvão têm afinidades com os procedentes de jazidas da II Idade do Ferro da Meseta, como Palenzuela e Padilla de Duero, na província de Valladolid, ou em La Hoya, na de Álava (Mañanes e Madrazo, 1978), assim como com outros da Catalunha (El Cogulló e Castellruf) (Rovira, 1976, p. 127).

Os «queimadores» ou «vasos de janelas», raros na área mediterrânica da Península, revelam analogias com exemplares provenientes de jazidas do Sul de Portugal (Cerro Furado, Cabeço de Vaiamonte, Azougada, Atafona) que receberam, também posteriormente ao século V, influências culturais, ou populações, mesetenhas. Este tipo de recipientes só raramente ocorre em ambientes plenamente ibéricos, como o exemplar encontrado em Coimbra del Barranco Ancho (Murcia); peça que J. e M. Molina e Nordström (1976, pp. 63-64) integram no grupo da «cerâmica ibérica de tipo arcaizante», datada do século IV ao III a.C.

Os queimadores com suporte paralelepipedico, até agora muito raros, mas de que se conhecem já mais de vinte no depósito votivo de Garvão, distribuem-se da Meseta Norte até à sua orla meridional, desde Consuegra, na área toledana, aos dois exemplares de Cástulo (Gorbea, 1976-1978, p. 145; Blázquez e Malla, 1981, pp. 111, 153).

Uma caixinha (Fig. 5), paralelepipedica, com o bordo decorado, por incisões paralelas, integra, igualmente, este conjunto de cerâmicas relacionadas com o mundo cultural celtibérico da II Idade do Ferro. É a primeira descoberta em Portugal e tem semelhanças com exemplares, por vezes decorados por incisão e excisão, de Paredes de Nava, Calzadilla de La Cueva, Castro Muza, Herrera de Pisuegra, Palenzuela, Soto de Medinilla, do nível VI de Simancas, de Cogotas (séc. III) e de La Hoya; estes datados dos finais do século III ou mesmo já dos inícios do século II a.C., descobertos associados a fibulas de apêndice caudal, tal como as de Garvão (Moure e Ortega, 1981).

A coleção de vasos decorados por estampilhagem, ou associando àquela técnica a pintura e a coroplastia, revelam influências do ambiente cultural continental que penetrou no Sul de Portugal através do Alto Alentejo (Vaiamonte) e que chegará aos povoados instalados perto da costa atlântica, como Chibanes e Miróbriga (Soares e Silva, 1979).

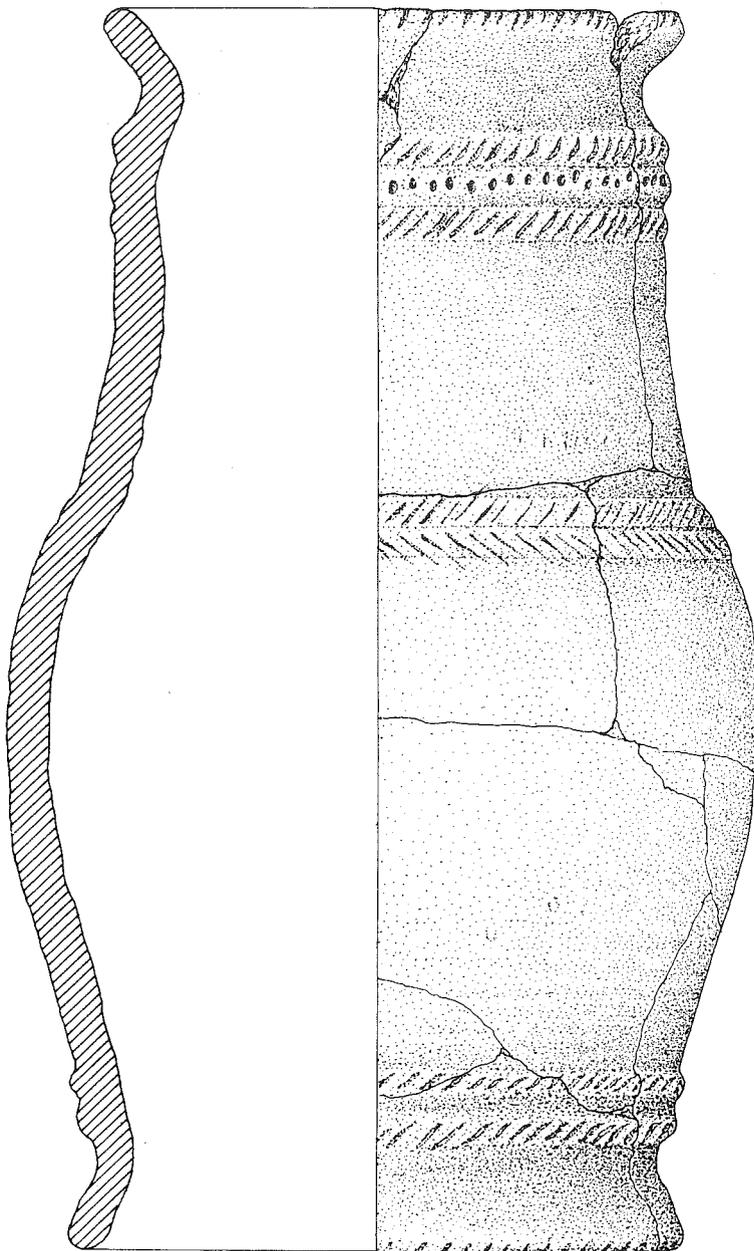


FIG. 10. *Suporte, decorado por incisão*

O material deste depósito votivo secundário, dos séculos IV e III a.C., oferece um panorama onde se cruzam as influências meridionais, ibéricas e púnicas, com fortes influxos continentais ou meseténicos que, como referimos, são relacionáveis com a cultura de Cogotas II e com o último período da «cultura das urnas» da Catalunha.

CAETANO DE MELLO BEIRÃO, CARLOS TAVARES DA SILVA,
JOAQUINA SOARES, MÁRIO VARELA GOMES e ROSA VARELA GOMES

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. J., 1980: *Catálogo de las terracotas de Ibiza del Museo Arqueológico Nacional*, 239 pp., 2 figs., LXVII ests., Madrid.
- AUBET, M. E., 1976: «Algunos aspectos sobre iconografía púnica: las representaciones aladas de Tanit», *Revista de la Universidad Complutense* 25 (Homenaje a García Bellido I), n.º 101, pp. 61-82.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V. e GOMES, R. V., 1985: «Depósito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão - Notícia da primeira campanha de escavações», *O Arqueólogo Português*, Série IV, 3, pp. 45-135.
- BLÁZQUEZ, J. M. e MALLA, J. V., 1981: *Cástulo III*, Excavaciones Arqueológicas en España, n.º 117, 269 pp., 149 figs., XXIV ests., Madrid.
- CABRÉ, J., 1932: *Excavaciones de las Cogotas, Cardenosa (Ávila), II - La Necrópolis*, Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, n.º 120, 156 pp., LXXXV ests., 3 mapas, Madrid.
- CABRÉ, J.; CABRÉ, E. e MOLINERO, A., 1950: *El Castro y la necrópolis del Hierro Céltico de Chamartín de la Sierra (Ávila)*, Acta Arqueológica Hispana 5, 237 pp., 16 figs., CII ests., Madrid.
- COLDSTREAM, J. N., 1973: *Knossos. The Sanctuary of Demeter*, The British School of Archaeology at Athens, Thames and Hudson, 191 pp., 44 figs., 100 ests., Oxford.
- DIAS, M. M. A. e COELHO, L., 1974-77: «Achados de moedas romanas do Concelho de Ourique», *O Arqueólogo Português*, Série III, 7-9, pp. 269-275.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. e BEIRÃO, C. M., 1986: «O Cerro da Rocha Branca (Silves) - Resultados preliminares de três campanhas de escavações», *Actas do 4º Congresso do Algarve*, pp. 1.001-1.007, Lisboa.
- GORBEA, M. A., 1976-1978: «La iberización de las zonas orientales de la Meseta», *Ampurias* 38-40, pp. 93-156.
- MALUQUER, J., 1983: «Morillos del poblado de los Molinicos en Moratalla, Murcia», *Homenaje al Prof. Martín Almagro Basch* II, pp. 171-176, Madrid.
- MAÑANES, T. e MADRAZO, T., 1978: «Materiales de una necrópolis vallisoletana de la Edad del Hierro», *Trabajos de Prehistoria* 35, pp. 425-432.
- MOLINA, J.; MOLINA, M. e NORDSTRÖM, S., 1976: *Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla-Murcia)*, Servicio de Investigación Prehistórica 52, 97 pp., 65 figs., XXVIII ests., Valencia.
- MOURE, J. A. e ORTEGA, L., 1981: «Nuevos hallazgos de cajitas celtibéricas en la provincia de Palencia», *Numantia*, pp. 185-188.
- NICOLINI, G., 1969: *Les bronzes figurés des sanctuaires ibériques*, Presses Universitaires de France, 295 pp., XL ests., Paris.
- PALLOTTINO, M., 1980: *Il Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia*, Edizioni Quasar, 361 pp., 455 + 82 figs., Roma.
- PALOMO, L. A. L., 1982: «El poblado de Alhonor (Herrera - Sevilla)», *Homenaje a Conchita Fernández Chúcarro*, pp. 157-169, Madrid.
- PELLICER, M., 1969: «Las primeras cerámicas a torno pintadas andaluzas y sus problemas», *Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*, pp. 291-310, Barcelona.
- PICARD, C. G., 1976: «La dame des brûle parfums à Carthage», *Revista de la Universidad Complutense* 25 (Homenaje a García Bellido I), n.º 101, pp. 155-174.
- RADDATZ, K., 1969: *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des dritten bis zur Mitte des ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb.*, Madrider Forschungen, 5, Walter de Gruyter, 289 pp., 35 figs., 98 ests., 11 mapas, Berlin.
- ROVIRA, J., 1976: «Los vasos polípodos en Catalunya y el País Valenciano», *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense* 3, pp. 117-132.
- SILVA, C. T. da, 1978: «Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)», *Setúbal Arqueológica* 4, pp. 117-132.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. da, 1979: «Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém)», *Setúbal Arqueológica* 5, pp. 159-184.